O DESENHO COMO FORMA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS

TÂNIA CRISTINA DOS SANTOS

RESUMO
Este estudo aborda teorias que desconsideram o desenho infantil como mera aquisição de técnicas e o defendem como um processo de expressão da criatividade, cercada por signos, influenciada por uma cultura e configurada como objeto singular no qual a criança experimenta e vivência suas marcas. O desenho é aqui entendido como apropriação de um sistema de representação. O simbólico não é o real, e o modo como cada um representa o real. Por isso, pode-se dizer que as artes são o espelho criativo da vida. Concluindo que a primeira comunicação da criança com o mundo é feita pelas suas garatujas onde expressa suas emoções. É quando ensaia a sua escrita, exercita a sua motricidade. Desenvolvendo a sua lateralidade, sua comunicação escrita, é quando exercita também a sua linguagem oral. Apresenta práticas cotidianas desenvolvidas por educadores atuantes nos Centros de Educação Infantil do município de São Paulo que atendem crianças de quatro anos e ações pedagógicas que visam o desenho cultivado como um dos possíveis instrumentos de mediação, assim como propostas de ampliação, curadoria e valorização da expressão infantil.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil; Desenho; Linguagem e expressão.

ABSTRACT
This study addresses theories that disregard children's drawing as a mere acquisition of techniques and defend it as a process of expression of creativity, surrounded by signs, influenced by a culture and configured as a singular object in which the child experiences and experiences its marks. Drawing is understood here as the appropriation of a system of representation. The arts represent a way of thinking and a way of knowing, and have a greater commitment to symbolization than to reality. Concluding that the child's first communication with the world is made by his doodles where he expresses his emotions. It is when he rehearses his writing, exercises his motor skills. Developing his laterality, his written communication, is when he also exercises his oral language. It presents daily practices developed by educators working in the Early Childhood Education Centers of the city of São Paulo that serve four-year-old children and pedagogical actions that aim at cultivated drawing as one of the possible mediation instruments, as well as proposals for expanding, curating and valuing children's expression.

KEY-WORDS: Early Childhood Education; Drawing; Language and expression.

INTRODUÇÃO

O desenho é considerado uma das múltiplas linguagens da criança e por se tratar de uma atividade clássica desenvolvida na educação infantil permite uma importante relação na aprendizagem. As crianças por sua vez, em toda sua plenitude e vigor apresentam suas marcas, suas manifestações expressivas por meio de desenhos, pinturas, esculturas, danças e tantas outras. Marcas essas que nem sempre são compreendidas e, muitas vezes, enfraquecidas devido à ausência de propostas que garantam um direcionamento adequado às produções infantis e a criação de contextos para exploração dos processos.
Nesta concepção e dentro da inquietação profissional, tratar dos desafios para a busca de um equilíbrio entre a iniciativa da criança e a intencionalidade do professor mapeia uma proposta significativa ao meio acadêmico com consequente relevância social. Isso porque, a criança pequena, hoje é reconhecida em sua plenitude e tem o direito de vivenciar experiências desencadeadoras e positivas ao seu desenvolvimento, alcançar mecanismos que a tornem posteriormente um cidadão participativo, da qual a tendência construtivista almeja e considera apoiada em teorias psicológicas e sociais essenciais à formação dos indivíduos.
Reconhecemos a existência de vários conceitos e estudos acerca do desenho infantil. Entre eles, os que embasam esse olhar a uma análise psicológica que relaciona a produção

infantil à expressão de sentimentos e conflitos internos da criança; outros apresentam importantes contribuições a respeito do desenvolvimento de suas produções gráficas, qualificando-as como documento da personalidade infantil.

Entretanto, esta pesquisa tem como foco a relação existente entre o desenho – uma das linguagens infantis – e a atuação do professor na contribuição para os avanços dessa produção, sua intenção nos apontamentos e caminhos para o cultivo do desenho com consequente mediação de experiências transformadoras à criança. Assim, o Desenho como Instrumento de Mediação Pedagógica será o tema dessa discussão.

A problemática que envolve a pesquisa é direcionada a como o professor pode por meio do desenho atuar de modo a ampliar a capacidade de criação da criança de quatro anos que frequenta os Centros de Educação Infantil da Prefeitura do Município de São Paulo.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar teorias de base e práticas pedagógicas que possam possibilitar a compreensão do desenho como instrumento de mediação pedagógica na educação infantil.

Acredita-se que entre as causas pelas quais o professor atuante na educação infantil não consiga mediar tal aprendizagem, seja entre outros aspectos, dada por uma formação acadêmica inadequada e insuficiente à compreensão sobre as múltiplas linguagens da criança e suas relações com o meio. Por outro viés, encontramos educadores que compreendem o desenho como rabiscos sem sentido e não atribuem a eles sua devida importância.

De acordo com as concepções apresentadas, relevasse nesta pesquisa a importância transferida ao professor, no sentido de que disponha e desenvolva um olhar sensível e educativo ao analisar uma atividade artística produzida pela criança. A responsabilidade da orientação e valorização do desenho infantil nas práticas cotidianas, assim como suas intervenções possibilitam a criação de formas artísticas mais elaboradas e o desenvolvimento global do indivíduo.

O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

O desenho é uma linguagem que faz parte do mundo infantil e um dos modos utilizados por educadores na ampliação da criatividade e construção do conhecimento de modo significativo. Segundo Gobbi (2002):

(...) o desenho dos pequenos enquanto produção a ser analisada e percebida de forma séria e particular leva-nos, antes de tudo, a sublinhar que consideramos estas crianças como sujeitos singulares que são contextualizados, possuidores e criadores de história e de cultura (...)". (GOBBI, 2002, p.93)

Por meio de símbolos simples, a criança passa a desenvolvê-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede ou em qualquer outra superfície, e observa, também, a forma nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso. Transferindo esse conhecimento em suas próprias produções, a criança observa que o desenho serve para expressar tudo o que ela entende sobre o mundo.

Pelo desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. O ato de imitar, utilizada no desenho pela criança desenvolve uma função importante no processo de aprendizagem. Ela expressa uma experiência pessoal, na apropriação de conteúdos, formas e de figuras a partir da representação. Gobbi ressalta essa função do desenho no mundo infantil: "Podemos entender o desenho como uma das formas que as crianças lançam mão para tentar organizar, realinhar o mundo do qual fazem parte". (Gobbi, 2002, p. 132)

A história da educação é regrada por influências de um ensino tradicional, centrada na figura do professor que apresentava práticas conservadoras, sobretudo em relação ao desenho na educação infantil. Segundo Iavelberg (2008, p.15) "Na escola tradicional, o meio ditava as regras de acomodação da criança a modelos para aprender a desenhar, por intermédio da repetição de exercícios de treino de habilidades (...)".

Para aprender a desenhar, era preciso se-

guir um modelo por meio de desenhos prontos, cópias, ou contorno de linhas pontilhadas. Acreditava-se que desta maneira era possível desenvolver habilidades gradativamente, até os traços se tornarem precisos, para isso o aluno deveria ter um modelo pronto a ser seguido, e só depois conseguiria ampliar sua criatividade. Entretanto, com a influência do movimento da Escola Nova e suas ideias inovadoras que rejeitam esse tipo de ensino tradicional e entendem o desenho como expressões, o ato de desenhar é defendido como livre, espontâneo e naturalmente criativo.

De acordo com Iavelberg:" Na escola renovada o desenho é compreendido como atividade expressiva, livre e natural da infância, com centro no individuo, na exploração livre de materiais e técnicas (com foco no processo, e não no produto) e no desenvolvimento do potencial criador". (Iavelberg, 2008, p. 15)

O movimento da Escola Renovada conta com alguns pesquisadores que estudaram de forma relevante o desenho infantil. Entre eles, estão os apontamentos de Luquet, Lowenfeld, Mèridieu, Kellog.

Luquet afirma que a criança desenha para brincar, e embora algumas de suas produções traduzam o realismo, tais apontamentos são feitos porque a criança quer brincar com o que imagina e vê, portanto a partir da brincadeira a criança passa por diversas fases da imitação até chegar à consolidação de sua realidade. "(...) Luquet (1913) opera dentro de uma perspectiva renovada e desenvolvimentista (...) observou muitos desenhos de crianças e delineou estágios descrevendo os procedimentos que os caracterizam. "(Iavelberg, 2008, p. 37)
Outro estudioso do desenho foi Lowenfeld que defendia a ideia do desenho espontâneo no qual a criança desenha para desenvolver sua criatividade de forma integral.
Iavelberg comenta (2008, p. 41) "Lowenfeld defende a ideia de autoexpressão. Valoriza mais a forma de expressão, que deve ser fruto único das intenções do sujeito, que o conteúdo pode ser imitado de outrem".
Tais apontamentos demonstram que Lowenfeld não acredita que a criança desenha por imitação, mas sim por submissão, e defende a prática educativa como incentivo para auxiliar o desenvolvimento artístico do aluno de forma livre e espontânea.
Na visão de Florence Mèridieu, as produções infantis denotam a importância na evolução gráfica e não da representação. Defende a ideia de que o desenho inicialmente é realizado como forma de exploração e brincadeira e também como inferência do meio.
Iavelberg (2008, p. 44) "Observamos que a ação sobre o próprio desenho e os fatores de estrutura cognitiva têm dois aspectos, bastante significativos, envolvidos na construção da atividade gráfica".

A autora Rhoda Kellogg realizou pesquisas em mais de 300 mil desenhos infantis e acredita que este inicialmente é inato até que a criança abstraia o conhecimento e consiga situá-lo em suas produções gráficas. "(...) prevê a criança passando por estágios dos padrões (rabiscos básicos e padrões de disposição) (...) desenho (combinações e agregados – tipos de diagramas mandalas, sóis e radiais) (...) expressões pictóricas (figuras humanas, casa, plantas, e outras temáticas)". (Iavelberg, 2008, p. 49).

Para Iavelberg o desenho deve ser utilizado na prática educativa de forma cultivada. Nesta concepção o desenho cultivado é caracterizado por três momentos: ação, imaginação e apropriação. Iavelberg (2008, p. 66) afirma que "No desenho cultivado o conhecimento técnico e o fazer expressivo caminham lado a lado. Os desenhos iniciais são pré-simbólicos e progressivamente vão constituindo-se como símbolos".
De acordo com RCNEI o desenho se destaca por sua relevância no fazer artístico e no desenvolvimento das demais linguagens visuais. Assim, o progresso do desenho contempla mudanças significativas que abrangem desde a passagem dos rabiscos iniciais e da garatuja a construções cada vez mais elaboradas, dando origem aos primeiros símbolos.
"O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito a passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os

primeiros símbolos" (RCNEI,1998, p. 92)

O desenho é uma linguagem gráfica que tem como finalidade representar a criação infantil, é um produto do que a criança vê e vivencia, ele também é uma forma de representação, um signo. As operações com signos vão sendo construídas ao longo do tempo, por meio das relações sociais estabelecidas.
Os gestos são inicialmente, o elo entre as garatujas produzidas pelas crianças e seu verdadeiro sentido, e só a partir de uma fala mais elaborada é que esta passa a ser um elo intermediário. Segundo Vygotsky (1998, p. 146) "Assim, um objeto adquire uma função de signo, com uma história própria ao longo do desenvolvimento, tornando-se, nessa fase, independente dos gestos das crianças". Vygotsky (1998, p. 224) afirma que "O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa". Por isso, o conceito de aprendizagem mediada tem um papel privilegiado ao professor, pois ele é a figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. Mediação se caracteriza na relação do homem com o mundo e com os outros. É por meio desse processo que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas se desenvolvem.

O TRABALHO PEDAGÓGICO E A INTERVENÇÃO NO DESENHO DA CRIANÇA

A educação infantil ao longo do tempo passou por diversas modificações com o objetivo de se alcançar o modelo mais justo e igualitário possível, e nos dias atuais ainda podemos perceber que ainda assim carece de inúmeros ajustes que caminhem com a intenção de atender a todos os sujeitos que precisem do suporte educacional das instituições escolares.
Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a função da Educação Infantil, no âmbito pedagógico, deve estar associada a padrões de qualidade que advém de concepções de desenvolvimento que considere as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes forneçam elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.
O RCNEI se constitui em um rico material pedagógico para o educador, mostra possibilidades e orientações propícias para o alcance de uma aprendizagem expressiva. Traz importantes contribuições no que tange o aspecto do cuidar, brincar e educar na primeira etapa da educação básica. Mostra que a ação docente na Educação Infantil deve ser baseada nestes três pressupostos.
Assim, o professor precisa considerar, no desenvolvimento das suas práxis, atividades educativas que abarquem essas três dimensões de forma interligada, dando suporte para que o educando aprimore suas percepções acerca do mundo a sua volta e se potencialize como sujeito construtor de saberes.
É de fundamental importância que o espaço educativo seja organizado em benefício às necessidades das crianças que o compõe, considerando-se as faixas etárias, e para isso ele precisa ser visto como parte integrante da ação pedagógica visando proporcionar a guarda, alimentação e cuidados essenciais com a saúde e a formação educativa, e não mais considerado como um depósito de crianças sem fins educativos, como eram vistos a priori.

Desta forma, faz-se necessário preparar profissionais competentes, habilitados ao eficiente desempenho de suas funções, com senso de responsabilidade e solidariedade. A Educação Infantil precisa estender à comunidade as atividades de ensino e pesquisa visando a elevação do nível de educação e cultura, promovendo assim o intercâmbio das escolas com outras instituições educacionais.
É indispensável que as atividades sejam organizadas no tempo e no espaço, isso inclui o horário da chegada, da alimentação, das brincadeiras, da higiene dentre outros. Esses aspectos devem ser considerados dentro do respeito às necessidades sociais e históricas referentes à cultura de cada criança, sua autonomia, incluindo seus ritmos específicos para a realização das atividades propostas pelo professor.

Os materiais pedagógicos devem ser acessíveis às crianças, obedecendo às características específicas de cada faixa etária. É indispensável que as atividades na educação infantil se efetivem a partir da utilização das distintas linguagens: musical, corporal, artística etc. A Educação Infantil possui dois importantes aspectos que não devem ser dissociados jamais, o cuidar e o educar, de forma que não podem ser desconsideradas as particularidades desta etapa de desenvolvimento da criança.

Deste modo, as creches recentemente abandonaram o simples caráter assistencial e se transformam em instituições educacionais, visando dar atendimento a crianças de zero a cinco anos. O RECNEI, nos alerta para o papel do profissional da educação infantil, pois neste contexto o educador necessita dispor de recursos que propiciem ao educando um melhor desempenho nas atividades escolares, ele deve atentar para as necessidades das crianças ao apresentarem as suas respectivas dificuldades em acompanhar o ritmo de ensino.

A atuação do professor torna-se indispensável para que os alunos avancem, construam e desenvolvam suas competências, em situações didáticas projetadas, com finalidades previamente determinadas, em atividades que propõem desafios, com preparo das formas de trabalho, previsão do tempo a ser empregado e intervenções pedagógicas consistentes.

Ao saber das dificuldades encontradas na educação infantil e se deparar com pais que não participam ativamente da vida escolar de seus filhos, a escola não pode ignorar estes educandos, culpabilizando-os pela situação. Neste contexto, o educador deve construir estratégias para facilitar a aprendizagem dessas crianças visando suprir esta ausência deixada pela família.

Ao detectar esta ausência a escola deve estar atenta para buscar maneiras de fazer com que este aluno transponha as barreiras colocadas em seu percurso escolar. As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar. Não podemos desconsiderar que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola por não saber lidar com a diversidade dos seus alunos.

É preciso que o professor atente para as diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor deve ter consciência da importância de criar vínculos com os seus alunos através das atividades cotidianas significativas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos, mais fortes e positivos.

Para Candau (2005), não existem procedimentos mágicos, nem receitas a serem adotadas para que os educadores possam garantir que seus alunos aprendam. Mas, existem alguns pressupostos imprescindíveis, que precisam ser considerados no processo de ensino e aprendizagem e que podem ajudar na reflexão sobre como proceder para que a aprendizagem aconteça.

Para tomar decisões didáticas e planejar as atividades para serem boas situações de aprendizagem, o professor deve considerar: o nível de desafio das atividades; as intervenções pedagógicas mais adequadas e a seleção dos materiais. O educador deve ter a preocupação em torno de como alcançar intervenções pedagógicas adequadas para que os alunos avancem em seus conhecimentos.

Deste modo, a compreensão e reflexão do educador sobre a sua prática é fundamental para que o mesmo avalie sua ação produzindo estratégias capazes de favorecer o aprendizado dos alunos. Assim, precisa estar atento a como os alunos estão respondendo às suas intervenções pedagógicas. Outro aspecto relevante de ser apontado é que, na maioria das vezes, o educador, ao não registra suas ações pedagógicas, fica impedido de refletir sobre a sua prática, deixando de compartilhar o que fez e como fez e seus efeitos sobre os alunos.

O professor precisa avivar em si mesmo o compromisso de uma constante busca do conhecimento como alimento para o seu crescimento pessoal e profissional. Isto poderá gerar-lhe segurança e confiabilidade na realização do seu trabalho docente. Esta busca poderá instrumentalizá-lo para assumir seus créditos, seus ideais, suas verdades, contribuindo para referendar um corpo teórico que dê sustentação para a realização de seu fazer. (OLIVEIRA, 1994, p.64).

A inquietação do educador no que diz respeito a sua prática deve ser em criar possibilidades para o desenvolvimento progressivo da autonomia do educando, oferecer-lhe atividades específicas para ampliação das capacidades de ordem física, cognitiva, ética, religiosa, afetiva, interpessoal e de inserção social. Ao proporcionar a interação entre os alunos e com o educador, as situações de aprendizagem proporcionam a troca de conhecimentos.

Segundo Luck e Carneiro (1983), nesta interação os alunos discutem e refletem possibilidades de respostas e de perguntas, questionam e explicam como estão pensando determinada questão e trocam opiniões. Nessas ocasiões os alunos, por terem conhecimentos diferenciados, podem entrar em contato com formas variadas de resolução ou obterem informações que sozinhos não teriam. Neste sentido, é importante pensar e escrever sobre intervenções pedagógicas já que exige uma reflexão sobre o processo de ensino e de aprendizagem pelos quais passam os sujeitos professor e aluno nos seus processos de ação no cotidiano escolar. Consideramos que as mediações pedagógicas são propulsoras das aprendizagens, tanto para os que ensinam como para os que aprendem. É importante destacar, também, que o papel do professor é o de acompanhar o aluno na sua trajetória e levá-lo a superação de suas dificuldades, buscando sempre uma de prática pedagógica centrada na estimulação ou no desenvolvimento das habilidades das crianças.

Desta maneira, fica explícita a importância da participação efetiva dos pais no desempenho escolar das crianças, visto que esta união favorece significativamente o processo de aprendizagem das crianças. Este estudo apresenta um recorte no contexto da interação família/escola e está centrado na parceria que estas instituições podem estabelecer entre si e as implicações da ausência da família sobre o processo educativo das crianças.

Também, buscamos investigar como a professora observada lida com as tarefas escolares propostas que retornam à sala de aula completas e/ou incompletas ou ainda sem serem realizadas. No capítulo seguinte apresentamos a metodologia, descrevendo todos os caminhos adotados para tornar possível a pesquisa. Apresentamos o tipo de pesquisa realizada, os instrumentos utilizados para coleta de dados, a sua sequência e o porquê da escolha por estes métodos.

DO DESENHO À PALAVRA ESCRITA: OS ESTÁGIOS DO DESENHO INFANTIL

De um modo geral, associamos a palavra desenho à representação de objetos, ideias, à reprodução de alguma imagem ou figura, e até mesmo, a uma atividade gráfica reduzida ao lápis e papel. No entanto, o desenho constitui o modo de expressão particular da criança, o qual revela os seus sentimentos, seus desejos, as suas ideias, suas vontades e as suas experiências, como também exprime a sua concepção de mundo através das diferentes maneiras de representar o ambiente a sua volta.

Assim, podemos perceber que nas mais diversas atividades humanas, o desenho encontra-se presente no cotidiano de uma criança. Seja ao abrir um livro e deparar-se com uma figura, na ilustração de uma revista ou jornal, nas obras de artes, no caderno utilizado na escola, nas revistas em quadrinhos, no esboço de um mapa, dentre outras representações.

Desse modo, o desenho apresenta uma natureza transitória e tão versátil, utilizado em vários momentos de nossas vidas.

O desenho é uma linguagem muito antiga e “permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra”. (DERDYK, 1993, p.10).

Nas palavras da autora Edith Derdyk, analisamos que o desenho faz parte da vida humana desde a invenção da humanidade, sendo assim perpassou por diferentes caminhos ao longo da história e evolução do homem. Dentre as diferentes linguagens utilizadas pelas sociedades primitivas para se comunicar, consideramos que o desenho foi o primeiro registro produzido pelo ser humano para se expressar graficamente.

Com o passar do tempo e a partir das trans-

formações sociais, os desenhos se aperfeiçoaram e adquiriram formas mais elaboradas. Em cada sociedade, o desenho assumiu um papel diferente. Por exemplo, no Egito era usado como meio de expressão manifestado nos antigos templos e túmulos construídos pelos povos desta região. Aos poucos, o desenho passou a ser representado em diferentes materiais, como: barro, pedras, argilas, madeiras e finalmente, no papel conhecido atualmente.

Do passado ao presente, vemos que "o homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posterioridade" (DERDYK, 1993, p.10). Como aponta a autora, o desenho sempre foi significativo para a trajetória humana, e ainda contribuiu para o desenvolvimento da linguagem nas antigas civilizações, como também propiciou o nascimento da escrita.

À medida que a criança cresce, constantemente notamos as mudanças ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Estas maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças. Temos que levar em conta, além das suas características individuais, os fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais de cada criança. Sendo assim, algumas classificações, as quais veremos mais adiante, foram elaboradas para nomear as etapas e os estágios evolutivos do desenho infantil, tendo como base os aspectos sociais, culturais e psicológicos da criança.

Levando em consideração essas especificidades do desenho infantil, e por esse ser uma forma de revelar o desenvolvimento cognitivo, emocional e expressivo da criança, ele tem sido um objeto de estudo abordado por diferentes profissionais, tais como: psicólogos, sociólogos, psiquiatras, educadores, psicanalistas e outros especialistas.

Nesta perspectiva, diversos teóricos se dedicaram especialmente ao estudo do desenvolvimento gráfico infantil, entre eles podemos nos referir, por exemplo, Georges Henri Luquet (1969), Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), Florence de Mèredieu (1994), Edith Derdyk (1993), Analice Pillar (1996), Angélica Albano (2009). Alguns desses estudiosos propuseram diferentes estágios para classificar a evolução do desenho na criança.

O primeiro estágio proposto por Henri Luquet, denominado de realismo fortuito, é subdividido em duas etapas: o desenho involuntário e desenho voluntário. No desenho involuntário, a criança inicialmente realiza linhas e traços espontâneos, pois ainda não tem a intenção de representar a imagem de um objeto em suas atividades gráficas, como também não estima nenhuma interpretação figurativa as suas produções.

Segundo o autor, o importante para a criança "é executar movimentos com a mão que estando munida de acessórios variados, deixa num suporte, tal como uma folha de papel, traços que não existiam antes" (LUQUET, 1969, p. 136). A partir da reflexão, consideramos que nesta etapa, a atividade gráfica da criança é movida essencialmente pelo prazer provocado pelos movimentos de suas mãos em diferentes superfícies, tais como: areia, lama, lápis sobre o papel, entre outros.

Até então, a criança não atribui nenhum significado ao seu desenho. Entretanto, na etapa seguinte, chamada de desenho voluntário, ela começa a perceber "certa analogia entre alguns dos seus objetos traçados e um objeto real, e enuncia a interpretação que lhe dá" (LUQUET, 1969, p.139).

Assim, a criança começa a representar fielmente o objeto como o vê, e também apresenta em seu desenho "não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só tem existência no espírito do desenhador" (LUQUET, 1969, p.160). Como bem lembra o autor, a criança revela em suas produções gráficas os pormenores e detalhes que lhe convém representar.

Em relação aos estágios de evolução do desenho da criança, é importante citar que "(...) as diferenças individuais entre as crianças determinam as especificidades em cada um desses níveis" (PILLAR, 1996, p.51). Com base na exposição da autora, os estágios apontados por Georges Henri Luquet não são caracterizados pela faixa etária da criança, como também não são tão rígidos, já que cada um deles podem se prolongar enquanto o outro estágio seguinte já estiver começado.

Assim, baseando-se na interação social e no

desenvolvimento integral da criança, esses estudiosos desenvolveram quatro estágios evolutivos do desenho na criança, são eles: o estágio da garatuja, o estágio pré- esquemático, o estágio esquemático e o estágio do realismo nascente. O primeiro estágio proposto pelos autores Viktor Lowenfeld e Brittain, o estágio das garatujas, dura aproximadamente dos dois aos quatro anos de idade. Nesta fase, a criança começa a construir os seus primeiros rabiscos espontâneos e os traços desordenados. Segundo os autores, esses traços vão se transformando, aos poucos, em garatujas mais organizadas e controladas pela coordenação motora da criança. Entendemos que neste período a criança faz garatuja pelo prazer de elaborar os seus gestos e movimentos, pois ainda não tem a intenção de realizar as suas representações gráficas.

A partir das considerações dos autores, notamos que neste momento a criança começa a representar o ambiente à sua volta, como também os objetos, as pessoas significativas para ela, ainda que de modo desordenado no papel e com certa instabilidade no tamanho das suas representações figurativas. Embora, quanto maior for à interação da criança com o meio em que vive e com os objetos de conhecimento ao seu redor, mais ricas serão as suas produções gráficas.

O próximo estágio, denominado esquemático, começa aos sete anos e estende-se até os nove anos de idade. Durante este estágio, a criança "desenvolve o conceito definido da forma. Seus desenhos simbolizam parte do seu meio, de um modo descritivo; habitualmente, ela repete uma e outra vez o esquema que criou para representar um homem" (LOWENFELD; BRITTAIN, 1977, p.55).

A expressão esquema citada pelos autores refere-se às diferentes formas utilizadas pela criança para desenhar uma figura. Segundo os autores, neste estágio a criança elabora os seus desenhos com riquezas de detalhes. Por exemplo, a figura humana adquire formas, como: boca, nariz, olhos, duas pernas, dois braços, cabeça agora com cabelo.

Assim, observamos que no decorrer de cada estágio do desenho infantil, a criança evolui graficamente, pois quando se apropria desse sistema de representação gráfica, adquire a maior capacidade de representar os seres humanos, as figuras geométricas e outros sinais gráficos. Chega um momento que as letras se misturam e se entrelaçam aos desenhos da criança, que elabora diferentes representações gráficas até atingir a escrita alfabética.

CONCLUSÃO

Considerando o ato de desenhar como resultado de um percurso criativo e necessário no processo de construção do conhecimento infantil e a atualização e intervenção pedagógica imprescindíveis nessa concepção, elencamos propostas, meios e suportes alternativos para promoção e ampliação de aprendizagem por meio do desenho de forma significativa.

Dentro dessa perspectiva, e com objetivo no desenvolvimento da capacidade desenhista é necessário, entre outras ações, estimular e valorizar as criações infantis. Nessa relação, o ato de desenhar com frequência, a apreciação de outros desenhos (colegas, na comunidade e outros artistas) e o registro de desenhos favorece a aprendizagem. O exercício de desenhar aperfeiçoa qualitativamente os movimentos motores, assim como a observação desvela possibilidades antes desconhecidas, além de ampliar o repertório infantil. Incorporar temas de interesse e curiosidade da criança estimula e significa o fazer artístico, para tanto, o educador deve ampliar sua visão e incluir em suas práticas propostas de iniciativa própria da criança.

No que se refere aos meios, materiais e suportes necessários para o efetivo desenvolvimento das habilidades infantis, sugere-se a introdução de variados materiais e superfícies. Assim, a intervenção do professor na apresentação desses diferentes e variados materiais didáticos ampliam as possibilidades de pesquisa e criação das crianças. Nesse sentido e a fim de criar contextos de exploração é recomendado que o educador ultrapasse em suas práticas a fronteira estabelecida pelo tradicional uso do giz de cera sobre uma folha de sulfite.

Combinar diferentes elementos, possibilitar a livre exploração, organizar os espaços, valorizar as criações e refletir sobre o equilíbrio entre a intencionalidade do professor e

a criatividade da criança são saberes necessários para o alcance de objetivos que prezam essa atitude de construção.
Muitos educadores consideram supérfluas as técnicas culturais do desenho, da dança, do canto e do teatro, para estes, dispensáveis ao filho do menos favorecido, sendo considerada atividade de luxo, não tendo visão da necessidade do estimulo a expressão criadora, pois é através disso que a criança manifesta suas emoções.
Por tudo o que foi pesquisado e apresentado, conclui-se que a proposta da pesquisa é muito importante para a reflexão do educador e a construção de um mundo mais humano e mais feliz, contando com futuros cidadãos conscientes e realizados. O amor é a principal formula facilitadora do processo educativo e sem visão positiva é impossível fluir este sentimento.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (Org.). A Didática em Questão. 25ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

GOBBI, Márcia. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. Rio de janeiro: Ravil, 2002.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: Prática e educação de educadores. 2. Ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

LUCK, Heloisa e CARNEIRO, Dorothy Gomes. Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação. Ed Petrópolis-RJ. Editora Vozes Ltda.1983.

LUQUET, G. H. O desenho infantil. Porto: Civilização editora, 1969.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Pensamento e Ação no Magistério. Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio-histórico. Editora Scipione. 4ª Edição.1999.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia (orgs.) Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1994.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Do gesto à representação, uma rota de expressividade. Rotas de aprendizagem. Módulo 4 OPE. São Paulo: SME/DOT, 2003.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a Educação Infantil. São Paulo: SME/DOT, 2007.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Percursos de Aprendizagens: Um olhar para o desenho – A Rede em rede: a formação continuada na educação infantil. São Paulo: SME/DOT, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.